



Craig L. Blomberg, Ph.D.

*Experience: Distinguished Professor of New Testament Studies
at Denver Seminary in Littleton, Colorado*

I. Introdução à primeira parte do livro dos Atos

Até o momento, em nosso estudo do Novo Testamento, mantivemos nosso foco exclusivamente nos quatro evangelhos. A partir desta unidade, estamos em condições de prosseguir para o quinto livro do Novo Testamento, Atos dos Apóstolos.

A. Autoria, data e destinatários

Já mencionamos nas unidades anteriores que a tradição atribui a autoria do livro a Lucas, o médico amado citado por Paulo, que também escreveu o primeiro volume da série de dois livros, o evangelho de Lucas. Você pode realizar uma busca em nossos comentários introdutórios sobre o evangelho de Lucas para fazer uma revisão de todo o contexto que envolve o livro de Atos. Em resumo, muito provavelmente Lucas seja, de fato, o autor tanto do evangelho que leva seu nome, como do livro dos Atos dos Apóstolos, escrito aproximadamente no ano 62 d.C., logo após os acontecimentos mencionados no final do livro.

Lucas é o único escritor não-judeu de todos os livros do Novo Testamento. Como um autor grego, ele escreve para um público cristão, predominantemente de nacionalidade grega. O foco do autor está direcionado para o crescimento do cristianismo — já um pouco mais urbanizado, talvez com membros mais ricos em seu meio — e que havia se espalhado por muitas partes do Império Romano.

B. Objetivos do livro de Atos

Os propósitos do segundo volume de Lucas podem ser resumidos mais especificamente em três categorias. O autor registra o progresso do evangelho a partir de Jerusalém em direção a Roma, ou dito de outra forma, o livro trata do crescimento do cristianismo que inicialmente não passava de uma seita exclusivamente

judaica, a qual, em aproximadamente 30 anos, tornou-se uma das mais importantes religiões do império — envolvendo, naquela geração, predominantemente mais gentios do que judeus.

Em segundo lugar, Lucas destaca o ministério de figuras-chave na igreja primitiva. Embora a igreja tenha intitulado o livro como Atos dos Apóstolos, poderia melhor ter sido chamado de “Atos de Pedro e Paulo”, uma vez que eles são as personagens centrais das duas metades de Atos, respectivamente. Outros têm dito que, tendo em vista a preocupação de Lucas em mostrar a orientação soberana de Deus, através do Espírito Santo, em todos os eventos iniciais, um título ainda melhor poderia ter sido “Atos do Espírito Santo”.

Em terceiro lugar, Lucas continuamente procura defender os cristãos contra as acusações de violação das leis, tanto as judaicas quanto as romanas. Ele faz uma apologética da legitimidade e do caráter pacífico do cristianismo, embora tenha deixado bem claro que aqueles que se tornam cristãos terão suas vidas transformadas radicalmente.

Como mencionamos, o livro de Atos pode ser dividido perfeitamente em dois segmentos principais: os primeiros doze capítulos tratam predominantemente da fase judaico-cristã nas duas primeiras décadas de existência do cristianismo. A segunda metade, a partir dos capítulos 13 a 28, destaca especialmente a expansão do cristianismo entre os gentios. E mais uma vez, Pedro e Paulo são as duas personagens mais importantes, os dois pregadores cristãos mais extraordinários nesses dois segmentos que tratam do crescimento do cristianismo no livro de Atos.

C. Esboço de Atos

Muitas vezes, Atos 1.8 tem sido considerado um breve resumo da interpretação de Lucas sobre seu segundo volume, uma vez que Jesus promete e ordena que seus seguidores sejam Suas testemunhas, primeiramente em Jerusalém, depois na Judeia e Samaria, e, por fim, por todas as partes da terra.

Poderíamos, talvez, tornar um pouco mais preciso esse esboço ressaltando os seis momentos em que Lucas finaliza um segmento de seu livro, e faz uma breve pausa, com uma frase sintética, em geral, algo como: “Crescia a palavra de Deus” ou “as igrejas eram fortalecidas na fé e, dia a dia, aumentavam em número”. Essas frases aparecem em 6:7, 9:31, 12:24, 16:5, 19:20 e 28:31.

Tais declarações parecem dividir o livro de Atos em segmentos que coincidem com a expansão do primeiro movimento cristão, principalmente do ponto de vista geográfico.

II. A igreja em Jerusalém (Atos 1:1—6:7)

Então, podemos começar o estudo do conteúdo do livro de Atos, concentrando-nos na primeira parte, um estudo que vai ocupar o restante desta unidade. O primeiro terço dessa primeira metade, ou a primeira subdivisão que trata de cristianismo judaico, concentra-se na igreja, uma vez que esta teve seu início como uma simples entidade dentro de Jerusalém, cidade totalmente judaica.

A. As aparições de Jesus ressurreto e Sua ascensão

Os primeiros eventos narrados recapitulam as aparições de Jesus ressurreto em Jerusalém e seus arredores, e logo depois descrevem a ascensão de Jesus. Ele está voltando para Seu Pai celestial, 40 dias após Sua ressurreição.

O significado da ascensão é, por um lado, relevante porque indica aos discípulos que as aparições do Jesus ressurreto — nas quais Ele ia e voltava conforme Sua vontade, desaparecendo e aparecendo no meio deles — haviam terminado. Por outro lado, e de um ponto de vista mais teológico, destaca que Jesus agora é exaltado, retornando à posição celestial que havia ocupado desde a eternidade. Os anjos que aparecem aos discípulos no início de Atos 1, particularmente nos versículos 9 a 11, testificam que Ele voltará da mesma forma como subiu e desapareceu da vista deles: virá do céu. Segundo creem os cristãos, Cristo voltará no fim dos tempos de forma pública e visível, em nível mundial.

B. O sucessor de Judas

Após a ascensão de Cristo, os discípulos voltam para Jerusalém e, cumprindo a ordem de Jesus, esperam pela promessa da chegada do poder do Espírito Santo. Nesse período, descrito nos versículos restantes de Atos 1, o maior evento ou a ordem do dia, em sua agenda, é, por assim dizer, apenas orar; e, depois, lançar sortes para determinar quem seria o sucessor de Judas, o discípulo que traiu Jesus e posteriormente se enforcou.

É interessante observar que eles sentem a necessidade de completar o número doze, indicando, como notamos durante a vida de Cristo, que é importante mostrar que a igreja é o símbolo

do novo Israel, o cumprimento das doze tribos do povo eleito. Também é relevante ver mais tarde, ainda no livro de Atos, que o apóstolo Tiago não é substituído, ao ser martirizado. Assim, não parece haver qualquer fundamento aqui para se estabelecer uma doutrina de sucessão apostólica, tampouco um permanente mandato para fixar o número de líderes da igreja em doze.

C. O Pentecostes e o primeiro sermão cristão

No capítulo 2 do livro de Atos encontramos a famosa e extensa história do Pentecostes, a festa judaica das Primícias que, segundo a tradição, comemorava a entrega da Lei a Moisés no Monte Sinai. Então, é necessário que o Espírito Santo desça para capacitar e encher de poder a igreja nascente, bem como os seus líderes, para inaugurar a nova aliança no momento exato em que os judeus celebravam o evento que logo seria chamado nos círculos cristãos como a “velha aliança” ou o “primeiro testamento” entre Deus e Seu povo.

Durante esse evento, os crentes ficam cheios do Espírito Santo e começam a falar em línguas. Essa é a primeira de três referências sobre falar em línguas no livro de Atos. Embora haja mais debates sobre ocorrências posteriores de falar em línguas, aqui Lucas deixa claro que eram idiomas estrangeiros conhecidos, fato que permitia a comunicação dos discípulos judeus com os peregrinos judeus de todo o império em sua língua nativa — os quais haviam ido a Jerusalém para o Pentecostes.

Também é importante lembrar que todos os judeus no primeiro século falavam, em algum nível, o hebraico ou o aramaico; e, provavelmente, eram ainda mais fluentes em grego, de modo que falar naqueles idiomas nativos não era uma condição indispensável para lhes comunicar o evangelho. Então, parece se tratar mais de um sinal que confirma a natureza divina dos eventos e do testemunho dado nessa ocasião.

Pedro usa, portanto, esse sinal miraculoso como uma oportunidade para pregar o primeiro sermão cristão, no qual ele explana muito claramente os eventos que Jerusalém havia experimentado recentemente através do ministério, morte e ressurreição de Jesus. E seu discurso culmina com a afirmação de que a ressurreição e a exaltação de Jesus são uma prova de que Deus o fez Senhor e Cristo.

As pessoas ali presentes, com o coração compungido, perguntam: “O que é que vamos fazer?” E as palavras de Pedro, que alcançam o clímax nesse primeiro sermão cristão, podem ser encontradas em Atos 2:38, passagem em que ele relaciona quatro elementos, os quais, com apenas algumas exceções, permanecem ligados entre si em todo o livro de Atos e nos demais ensinamentos do Novo Testamento. Eles se constituem no que poderíamos chamar de um “pacote de salvação”, apresentando eventos que ocorrem de forma mais ou menos simultânea, pelo menos em circunstâncias normais, quando uma pessoa aceita a Cristo.

Os quatro elementos são: (1) o arrependimento, o abandono do pecado e um voltar-se para Deus em Jesus; (2) o batismo pela água (nesse contexto, em nome de Jesus, mas em outros, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, mostrando-nos que não se trata de um ritual ou fórmula mecânica); (3) em terceiro lugar, como resultado dessas ações, o perdão dos pecados; e (4), finalmente, o poder, a plenitude e o batismo do Espírito Santo.

Há aqueles que têm tentado separar o “batismo” e o “enchimento” pelo Espírito como eventos distintos. De fato, Lucas parece usar reiteradamente a plenitude como algo que tem a ver com as experiências que os crentes podem experimentar mais do que uma vez, quando recebem um poder especial para testemunhar com ousadia ou de alguma outra forma. O termo “batismo do Espírito” em todo o Novo Testamento parece estar reservado, no entanto, para a experiência inicial que as pessoas têm durante sua primeira experiência com o Espírito quando se entregam a Cristo. Também é interessante observar que o livro de Atos parece colocar, de forma consistente, com algumas possíveis exceções, o batismo na água como o evento que segue imediatamente ao arrependimento e à profissão de fé de alguém com idade e maturidade suficientes para tomar essa decisão.

D. O primeiro milagre cristão de cura e o segundo sermão

Depois do primeiro sermão cristão, Atos 3 descreve outro milagre, desta vez um milagre de cura em que Pedro recebe de Deus o mesmo poder de curar um coxo que Jesus exerceu mais de uma vez em Seu ministério. E novamente, o sinal realizado nos recintos do templo, perante uma grande multidão, se transforma numa excelente oportunidade para que Pedro pregue outro sermão, o segundo sermão cristão que conhecemos.

O ponto principal desse sermão é ressaltar novamente a necessidade de arrependimento para o pecador, mas o desfecho desse evento mostra que muito cedo o cristianismo primitivo é colocado em conflito com as autoridades judaicas. Isso não deve surpreender, já que, certamente, muitos dos ouvintes de Pedro nesse contexto estavam entre os mesmos que, algumas poucas semanas ou meses antes, haviam clamado pela crucificação de Jesus — e talvez tivessem exercido papel fundamental para instigá-la.

Os líderes da seita nazarena são presos e intimados a não falar em nome de Jesus. Todavia, Atos 4:19-20 é um importante testemunho de que os primeiros cristãos tinham a convicção de que, quando a vontade de Deus se contrapõe à vontade humana, eles deveriam obedecer a Deus e não aos líderes humanos. Curiosamente, essa mesma sequência de eventos — (1) pregação, (2) prisão, (3) ameaças por parte da liderança judaica, (4) a alegação de que é preciso obedecer a Deus e não aos homens, (5) seguida de liberação — repete-se nos capítulos 4 e 5. Assim, mostram não apenas a hostilidade (em cumprimento às predições de Jesus de que Seus discípulos seriam levados diante dos líderes e forçadas a testemunhar para eles), mas também a capacitação do Espírito Santo e soberania de Deus, permitindo que os discípulos continuem a falar ousadamente, apesar dessa hostilidade.

Que contraste marcante com a covardia dos discípulos antes da morte de Jesus. Trata-se de outro elemento chave que confirma a realidade da ressurreição sobrenatural de Jesus e a capacitação do Espírito que fora por eles recebida no dia de Pentecostes. Parece que nada mais poderia ter contribuído tanto para essa impressionante reviravolta por parte dos seguidores de Jesus.

E. A estrutura da igreja primitiva

Existem duas pequenas questões que pulamos intencionalmente para que fossem tratadas agora. Os versículos 42 a 47 no encerramento do capítulo 2, e os versículos finais do capítulo 4, que se estendem até o capítulo 5, tratam da organização inicial da recém-nascida comunidade cristã em Jerusalém. Aqui é apresentado um modelo de propriedade de bens comunitários. Uma leitura atenta do texto nos permite evitar alguns equívocos que poderiam aparecer superficialmente. Não é dito aqui que todos os crentes tenham vendido tudo de uma só vez e formaram algo que hoje poderia ser chamado de comunismo puro. Não. Embora alguns crentes tenham doado quantidades variáveis de

sua renda, ou vendido parte de seus bens materiais para satisfazer necessidades da comunidade à medida que surgiam.

Algumas das necessidades haviam sido específicas, talvez por parte de alguns peregrinos judeus que se tornaram cristãos após o Pentecostes e provavelmente queriam permanecer em Jerusalém, em vez de voltar para casa. Desse modo, precisavam ter alguma forma de subsistência e precisavam receber ajuda. Aqueles que já eram dependentes dos vários sistemas de assistência social judaica para o cuidado dos pobres e haviam se tornado cristãos também poderiam estar entre aqueles que necessitavam de ajuda material.

Embora esse modelo não seja mencionado outra vez no livro de Atos nem ao longo da era do cristianismo primitivo — e por isso não parece tratar-se de algo obrigatório em todos os seus detalhes, no entanto, ele evidencia uma preocupação exemplar para com os pobres. Retrata ainda uma generosidade e doação sacrificial por parte de cristãos mais abastados, que segue de modo coerente ao longo de toda a Escritura. Trata-se de um claro mandamento para os cristãos de todos os tempos e de todos os lugares.

No momento em que chegamos a Atos 6, vemos que a preocupação para com os pobres já começa a tomar uma forma ligeiramente diversa. Como essa comunidade multicultural dos primeiros cristãos — embora todos judeus — começa a crescer, é compreensível que haja uma divisão entre o que Lucas descreve como os cristãos judeus de origem hebraica e os cristãos judeus helenistas. Isto é, uma espécie de tratamento diferenciado entre aqueles cuja língua nativa era o hebraico ou o aramaico (talvez, predominantemente os cristãos de Jerusalém e seus arredores imediatos) e os que vieram da Diáspora, a partir de outras partes do Império greco-romano. Embora fossem judeus, o grego era sua primeira língua, e até mesmo em suas práticas culturais, por vezes, diferiam da cultura dos israelitas nativos locais. É compreensível que possam surgir divisões étnicas e culturais que muitas vezes produzem tensões. E no caso específico, ocorreu o que poderíamos considerar o primeiro conflito cristão, relacionado com a negligência para com as viúvas cristãs helenísticas.

Como os primeiros apóstolos eram hebreus, seria mais fácil deixar de lado as viúvas gregas. Os apóstolos demonstram grande sabedoria ao delegar essa responsabilidade e assim não assumir demasiado encargo sobre si. Ao mesmo tempo, era uma convocação para que a comunidade cristã helenista selecionasse

líderes de seu próprio meio: líderes que são chamados “aqueles que servem”. A palavra grega (diakoneo) é a raiz a partir do qual temos o substantivo “diácono” e provavelmente essa passagem tenha posteriormente inspirado o ofício cristão mais formal do diácono: aquele que serve para suprir as necessidades práticas — mesmo as de origem material — da comunidade cristã. Com Atos 6.7 chegamos à primeira declaração sintética que encerra a primeira fase da igreja em Jerusalém.

III. A igreja na Judeia, Galileia e Samaria (Atos 6:8—9:31)

A sequência de Atos 6:8 a 9:31 se constitui na próxima subdivisão da primeira metade do livro de Atos, a qual poderia ser intitulada como o relato sobre a igreja na Judeia, Galileia e Samaria. Aqui são apresentadas três personagens principais sobre as quais temos algumas breves informações acerca de seu ministério: Estevão e Filipe, dois dos primeiros “diáconos” que a comunidade cristã judaica helenística havia acabado de escolher, e Saulo de Tarso — um judeu muito zeloso, discípulo do rabino Gamaliel, em Jerusalém — que logo se tornaria o mais famoso missionário entre os primeiros cristãos.

A. O ministério de Estevão

Atos 7, emoldurado pelos versículos finais do capítulo 6 e os primeiros versículos do capítulo 8, descreve o ministério de Estevão, que aparentemente procura mostrar como o cristianismo será liberto de suas ligações com as instituições judaicas da Lei, do Templo e das coisas terrenas mais claramente do que muito cristão de hoje. Portanto, em sua pregação, ele se torna o primeiro cristão a ser preso e não libertado, mas martirizado.

Estevão apresenta um longo discurso em sua defesa, o qual ocupa a maior parte do capítulo 7. Trata-se de um pequeno resumo de toda a história do Antigo Testamento. Mas seu principal objetivo parece ser demonstrar que o cristianismo não precisa estar atrelado às coisas terrenas, à Lei ou ao Templo, precisamente porque o povo de Deus, por vezes, ao longo de sua história, e ainda sob a antiga dispensação, não estava vinculado a essas instituições.

Os patriarcas peregrinavam regularmente, e muitas vezes eram forçados a fugir, e por fim, tornaram-se escravos no Egito, sem herdar a terra prometida. A própria Lei dada a Moisés prediz a vinda de outro profeta, maior do que Moisés, que haveria de alterar a ordem e a forma em que a Lei é aplicada e cumprida. E

o Templo não cumpre o ideal perfeito de Deus, mesmo no início, mas se constitui numa espécie de compromisso com os desejos dos israelitas.

Esse discurso foi tão radical a ponto de resultar no apedrejamento de Estêvão até a morte — o primeiro mártir cristão — e na perseguição que se espalhou, presumivelmente entre primeiros cristãos judeus gregos e os mais radicais. Em Jerusalém foram deixados apenas os cristãos judeus hebreus e os mais conservadores, e até apenas alguns de seus líderes, como os doze apóstolos.

B. O ministério de Filipe, o evangelista

No entanto, como resultado da perseguição e da fuga dos líderes helênicos, o evangelho se espalha ainda mais. Filipe encontra-se em Samaria, pregando aos samaritanos e lá consegue uma receptividade bastante favorável e tão marcante, que Pedro e João são chamados de Jerusalém para confirmar que os samaritanos realmente tenham recebido o evangelho. Muitas controvérsias teológicas dividiram a igreja em relação a esse momento. Como você explicaria o aparente atraso na chegada do Espírito Santo ali?

Alguns consideram esse fato como um precedente de que a confirmação é separada da prática cristã do batismo.

Outros têm visto o evento como justificativa para um batismo no Espírito posterior à salvação inicial.

Talvez o entendimento protestante mais comum desse texto seja que uma situação excepcional tenha ocorrido em condições excepcionais. Tão forte era a animosidade entre judeus e samaritanos que até os próprios cristãos judeus hebreus e seus líderes não poderiam superar essa divisão, enquanto não confirmassem a realidade da conversão dos samaritanos.

Ainda outros sugeriram que a aparente experiência de salvação dos samaritanos, principalmente com base na experiência de seu líder, Simão, o Mago, que pouco depois mostraria que sua fé não era inteiramente verdadeira, poderia se revelar uma experiência de conversão superficial na vida daqueles crentes.

Independentemente da forma como você resolve esse problema, certamente o ponto importante que Lucas deseja ressaltar é que o evangelho está ampliando seus horizontes, não se limitando

mais a uma seita exclusivamente judaica. Outro breve relato que reforça essa verdade é a descrição do ministério de Filipe em Atos 8. Ele anuncia o evangelho a um eunuco etíope, na estrada em Gaza, que está lendo Isaías 53 acerca do testemunho do profeta que fala da vinda do servo sofredor, o ministério de Jesus. Acima de qualquer coisa que se possa dizer sobre essa passagem, o que surpreendente é tratar-se de um estrangeiro, ainda que, talvez, se tratasse de um judeu. Mas aquele homem era um eunuco — alguém que havia sido castrado fisicamente para que pudesse cuidar do harém real com isenção — situação pessoal que era considerada impura para sempre pelos padrões rituais judaicos. Filipe não o trata como tal, mas fala com ele de igual para igual, como um candidato à graça de Deus.

C. A conversão de Saulo / Paulo

A última pessoa que encontramos nessa breve subdivisão de Atos é Saulo de Tarso e sua conversão espetacular no caminho de Damasco. Embora ele já houvesse começado a se destacar como líder na procura de cristãos para tentar martirizá-los, Deus, em Cristo, transforma radicalmente a vida dele. Através de uma revelação sobrenatural do Senhor ressuscitado, Aquele a quem Paulo estava perseguindo, ele é convencido de que de fato Ele é o Senhor e Seus seguidores devem agora tornar-se companheiros do novo apóstolo.

Depois de sua impressionante conversão, que o deixa temporariamente cego, ele é levado pela mão para se encontrar com Ananias na cidade de Damasco, onde é batizado, e torna-se, não no perseguidor mais importante dos primeiros cristãos, mas no seu principal porta-voz. Imediatamente e de modo surpreendente, volta-se para seus compatriotas judeus helenistas e lhes fala de forma ousada e convincente a respeito de Jesus como o Messias.

IV. Avanços na Palestina e na Síria (Atos 9:32—12:24)

O terço final da primeira metade do livro de Atos é o mais curto, e contém o menor número de histórias distintivas (Atos 9:32—12:24). Podemos descrever esse trecho como o relato dos avanços do evangelho na Palestina e na Síria. O evento mais relevante nesses capítulos é a longa história da conversão de Cornélio, que ocupa todo o capítulo 10 e boa parte do capítulo 11.

Aqui Pedro, o judeu, o cristão hebreu, agora entende claramente

— através de uma visão tríplice de alimentos imundos que descem do céu num lençol — que Deus está declarando que todos os alimentos são puros e, portanto, para Ele todas as pessoas também são limpas.

Assim, não havia impedimento para ele ir ao encontro desse centurião. Ele era um comandante gentio, integrante das forças militares estrangeiras, um homem temente a Deus que estava adorando e orando ao Deus de Israel, embora não fosse plenamente convertido ao judaísmo. Pedro deveria aceitá-lo em condições de igualdade, tendo comunhão à mesa com ele, e pregar-lhe o evangelho.

É interessante observar que durante o longo sermão de Pedro — de fato, antes de Pedro fazer o encerramento de seu sermão e apresentar uma conclusão formal — encontramos a segunda experiência do falar em línguas no livro de Atos, para confirmar a realidade da fantástica conversão de um grupo de pessoas, todas gentias, algo que, do contrário, poderia ainda gerar suspeita.

Os capítulos 11 e 12 de Atos encerram a primeira parte do livro, com uma descrição da primeira igreja cristã composta inteiramente de gentios, na cidade síria de Antioquia, ao mesmo tempo em que relata a perseguição generalizada, a prisão e o martírio de Tiago, o apóstolo. A seguir, o autor descreve a perseguição, prisão e libertação miraculosa do apóstolo Pedro, que foi protagonizada por Herodes Agripa I, neto de Herodes, o Grande. O relato prossegue com a aclamação do presunçoso e blasfemo Herodes, feita por ele mesmo, recebendo adoração como se fosse um deus, o que o leva a ser sobrenaturalmente atingido pela morte. Com esses eventos, estamos agora preparados para estudar a segunda e mais longa parte do livro de Atos, a missão predominantemente gentia do cristianismo primitivo.

Aprendizagem cristocêntrica— a qualquer momento, em qualquer lugar